

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Dirétor: ACACIO DE PAIVA



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

## TERMAS E PRAIAS



**O PORTEIRO** :—Minhas senhoras e meus senhores, estão abertos os banhos!

## PALESTRA AMENA

## Hipopotamo—Calor

Quem está na ordem do dia é o hipopotamo do Jardim Zoologico. O hipopotamo relegou para segundo ou terceiro plano qualquer vulto ou acontecimento que gosassem de notoriedade. Durante um mez ou mais só se falou no sr. dr. Afonso Costa, ás vezes no sr. Soares dos estrangeiros, muito de um emprestimo, algo do pacto de

Londres, um tanto da conferencia economica dos aliados. Para essas pessoas e factos a que elas andavam ligadas convergiam todas as atenções... até o momento em que chegou o hipopotamo. Chegado o hipopotamo ninguém mais pensou em Afonso, em Soares, em emprestimo, em pacto, em conferencia.

Tudo coisas minimas, a que se não pode ligar nenhuma, a par d'este outro acontecimento, d'esta outra personalidade—o hipopotamo.

Conseguiu prender a atenção geral, o bicho. Não ha duvida. Lá esteve no jardim a recebê-lo, o ex-presidente Ariaga. Lá estava a cumprimentá-lo, o sr. dr. Brito Camacho, chefe de um partido politico e um dos arbitros dos nossos destinos. E apoz essas grandes figuras, não ha cara, carinha ou careta que não tenha ido esbogarhar os olhos ante o bicharoco, seguindo-lhe os passos e os movimentos com uma curiosidade extraordinaria, vendo como ele toma banho e chama ás engulideiras uma duzia de litros de milho, n'um rufo, que matariam a fome durante uma semana a uma familia de camponios.

Os bichos estão, positivamente, na berra. Cá o hipopotamo. Em Mondariz, o sr. Alpoim, cuja entrada na tina é tambem alvo da admiração geral. Foi preciso procurar paiz estranho para o admirarem.

Bem se diz que ninguém é hipopotamo na sua terra.

O calor aperta e Lisboa está sendo uma verdadeira tortura para os desgraçados cuja falta de meios não lhes permite uma vilegiatura.

Esta fornalha horrivel onde suamos as estopinhas, onde não é possível comer, dormir, sequer, onde se não encontram, além das ventolinhas que espantam moscas e as carapinhadas que provocam vomitos, nada que amenise, torne um pouco mais suportavel tal situação, é, para cumulo uma das cidades mais porcas da Europa, com lixo e estrume pejando a via publica, sem limpeza, sem regas convenientes.

Sem limpeza é um modo de dizer. Limpeza ha. E das boas. E' tudo varrido ao meio dia ou duas horas para consolação dos nossos pulmões e regado com uma abundancia que, o que vale ás calçadas é elas não serem de qualidade de beber.

De maneira que o horrivel calor, além de nos flagelar, como é natural, pela sua acção directa, ainda indretamente nos agoniza fazendo fermentar as imundicies que pejam os leitos das

ruas e os caixotes de lixo empilhados durante o dia ás portas das habitações.

Resta-nos a consolação de que tudo isto ha de acabar um dia: o verão e a camara municipal. O verão só será reeleito para junho do ano que vem. A camara, essa parece-nos que fica livre de tal precalço.

A não ser que todos tenhamos perdido o juizo—a começar por ela.

João Ripanso.

## Ena, pae!

O ultimo invento aereo dos alemães consiste n'um zepelin, ou coisa que o valha, que tem não sabemos quantos quilometros de comprimento, muitas barquinhas de aço e, como carga, varias toneladas de explosivos.

Para cá vêem eles de carrinho, se imaginam que nos metem medo. Emquanto não fabricarem um avião que tenha por comprimento a distancia de Berlim a Lisboa, escusam de se ralar que a gente não vai no bote!

## NA ESCOLA



—Quantos ossos tens no corpo?  
—Duzentos e oito.  
—Não te disse hontem que eram duzentos e sete?  
—Pois sim, mas é que hontem á noite enguli um osso de galinha.

## TORRE DE CHIFRE

## Milagre!

O vento fóra, sinistro uivava  
A igreja desolada e fria.  
A mansão de Deus estremecia.  
O trovão com fragor detonava.

A atmosfera all, arripiava  
Na rua ja brava a invernia.  
Agachada no portico tremia  
Uma criança que o frio matava.

O dia seguinte despontou ridente.  
Era uma manhã bela de luz!  
No altar, n'um sono inocente,

Dormia o pequenito Japuz  
No manto de Maria, alvinitente,  
Ante o melgo e doce olhar de Jesus!

15-7-916.

MARIO BORGES MENÉRES.

N. da R.—Este pequeno deve continuar.

## N'um escritorio



—O chefe do escritorio disse-lhe o que tinha a fazer hoje?  
—Disse. Que o acordasse quando o sr. voltasse da Bolsa.

## Portugal agricola?

Foi moda durante muito tempo o dizer-se que «Portugal é um paiz essencialmente agricola». O essencialmente era indispensavel porque nós, os portugueses, não podemos afirmar nada senão com acompanhamento d'um sonoro adverbio de modo.

Houve tempo tambem em que se disse que, e d'essa vez crêmos que com razão, «Portugal era um paiz eminentemente maritimo». Eminentemente, é claro.

Hoje reina a indecisão entre as duas formulas e já nos jornaes se manifestam duvidas. Ora então para resolver duvidas é que nós aqui estamos. Nem mar nem terra, amiguinhos: Portugal não é agricola nem maritimo. E' um paiz infelizmente aereo. E aqui o adverbio calha muito bem.

## Como cá

Começo de um telegrama de Madrid para um jornal de Lisboa:

«Dizem de Sevilha que o aristocrata Juan Gamero Civico...»

Tal qual como cá. Os nossos civicos tambem são aristocratas. E é por isso que de vez em quando apanham a sua coça dos democratras.

## LADRÃO SINHO ESPERTO



O ladrão:—Faça allo e ponha para aqui tudo o que leva  
O transeunte:—(puzando um revolver) Venha-o busca-lo.  
O ladrão:—A' ete e isso? Pois vou já denunciar-lo pelo porte d'arma sem licença.

## CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

## O calor

O calor, meninas e meninos, é aquella coisa incorporea que os faz suar n'este momento, soprar, abanar, tirar os chapéus, etc. Conhece-se apenas pelos seus efeitos, embora muitas das suas condições de existencia nos tenham sido reveladas por entidades scientificas e pessoas de faculdades eminentes, tais como o sr. Antonio Cabreira e a comissão do restabelecimento da Ordem de Cristo.

Examinado cuidadosamente ao microscópio o calor não apresenta caracteres por emquanto definidos; tambem se não manifesta sob a ação dos reagentes, ainda os mais energicos. Resiste enfim a todas as tentativas scientificas, n'uma teimosia tal que faz supôr a muitos que o calor, afinal, seja de origem alemã.

Com os seus efeitos, porém, repito, já não acontece o mesmo. Todos sabem, na verdade, que é o calor que dilata os dias no verão, que influe poderosamente na industria dos termometros, dos leques e das roupas de linho, que despovoava as captaes em favor dos campos e praias, etc.

Ha varias especies de calor, das quaes as principaes são: o calor de rachar, o calor humido, o calor moderado, o calor do entusiasmo e o calor da discussão. São, evidentemente, microbios diversos, mas como aponte, nem a análise otica nem a quimica dão resultados apreciaveis. Pessoas ha que afirmam que «vêm um calor» quando apanham uma sova, quando escapam a um perigo ou ainda n'outras circunstancias, mas sendo perguntadas qual a fórmula d'esse agente que asseguram ter visto, estão em tal discordancia que é licito concluir pela ignorancia ou pela má fé d'essas pessoas.

Vejo, meninas e meninos, que vós proprios estaes abafando por causa de ele. Pois então termino a conferencia e dou-vos um conselho: ide-vos despir. Disse.

Bonaparte

(Aluno do II.º eu Camões).

## Emende!

Diz a *Capital* que foram coroadas do melhor exito as negociações que os nossos ministros das finanças e estrangeiros realisaram em Londres.

Coroadas? Varro essa! Barretefrigiadas, senhor; barretefrigiadas!

Então não querem vêr o homem?!

## Pobre gente!

Vem nos jornaes que uma comissão de empregados extraordinarios ao serviço do censo da população procurou o ministro das finanças para tratar dos interesses da classe.

Pobre gente, em que circunstancias tristes se encontrará.

Imaginem: viver do censo da população n'um paiz em que a população não tem senso nenhum!



(Maestro Alvs Coelho)

Autor de varios trechos populares  
E autor de varios outros eruditos,  
N'eles todos, muitissimo bonitos,  
Manifesta os seus dotes singulares.

Deve dar, pois, entrada n'estes lares  
Pertença dos eleitos, dos bemditos  
Por seu comportamento, seus escritos,  
Tudo o que exceda os moldes regulares.

Ha pouco tive a prova convincente  
De que é mestre na arte da harmonia,  
Mas se ele conseguir que a minha mente

Duas notas distinga—ó gente impia!—  
Dou-lhe um dingo de açucar de presente,  
Que não ha nada de maior valia!

## Os «brancos»

Escrevem-nos alguns leitores indignados porque frequentemente dão por mal empregado o seu dinheiro na compra de jornaes que, afinal, em vez de leitura, trazem espaços em branco.

Não se indignem sem prévia meditação. Ha jornaes de confiança pela sua direção, pela sua redação, pelo que defendem, pelo que atacam...

Mas quem lhes diz que n'outros não é preferivel o branco da censura ao negro que os enchia? Ou que não houve tal censura, mas a aplicação de uma simples droga de tirar nodosas?

A's vezes é isso.

## Justa recompensa

O correspondente de Paris para um jornal da manhã enviou-lhe o seguinte telegrama:

«Paris, 26.—O nosso colega Tavares de Melo foi nomeado membro da «Union Franco-Musulmane de Paris», centro de estudos arabes, que tem a sua sede na rua Auber, n.º 1, diante da Grande Opera.»

Apressamo-nos a felicitar o nosso bom amigo, cujos estudos sobre coisas das Arabias são bem conhecidos.

Quem se está a estas horas a morder de inveja sabemos nós: é o Cabreira, que vai já, já, fundar uma sucursal da sua Academia em Meca.

## Coitado do homem!

Temos a pedir desculpa aos numerosos leitores das *Cartas* do nosso illustre colaborador *Jerolmo*, de Pêras Ruivas, pela ausencia hoje de apreciação á peça *As duas orfãs*, recentemente representada no Eden.

O homemsinho assistiu, por sinal que pagou o bilhete, como costuma. Assistiu, mas lá pelas alturas do 3.º ato, ao vêr tanta desgraça junta e não lhe podendo acudir, sentiu uma grande aflição e saiu do teatro a correr, completamente desorientado.

Passou a noite em delirio, pronunciando palavras sem nexo, como: *Cega... O Pato coxo... Cinico Raposo... Pesadello... Albuquerque*, e de manhã uns amigos meteram-no no primeiro comboio a partir para o norte e expediram-no para a terra da sua naturalidade.

Por um bilhete postal do prior de Pêras Ruivas sabemos que o homem vai melhor. Esperamos ansiosos o regresso e fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

## OS GRANDES HUMORISTAS

## O artigo do sr. Bloque

Aqui tem os leitores para que serve uma pessoa ter bom coração. Se eu tivesse sido um grosseirão insensível teria mostrado ao sr. Bloque a impossibilidade de publicar o seu artigo. As suas lagrimas e o seu acabrunhamento impressionaram-me muito e aproveitei a ocasião para lhe aliviar a má-gua.

Para que serviu a minha amabilidade? Para atrair sobre a minha humilde pessoa uma tempestade de maldições violentas e diámbicas.

Pois, senhores, comquanto o rifão diga que «depois do burro morto, etc., etc.», vou lêr detidamente o artigo. A verdade é que não me parece, assim, á primeira vista, uma baboseira tão grande como assevera o redator em chefe.

Ah! se me convenço de que o sr. Bloque abusou da minha boa fé, juro pelas inumeraveis estrelas da bandeira nacional, que se ha de arrepender.

Acabo de lêr o artigo e creio poder assegurar que me parece um pouco confuso. E' preciso examina-lo mais detidamente.

Vejam os.

Decididamente é incompreensível. Agora pareceu-me mais confuso que a primeira vez.

Santo Deus! E' a quinta vez que o leio, e se entendi uma palavra, que caíam sobre mim todas as riquezas da terra. O artigo não resiste á análise. Ha trechos indecifráveis. Que diabo succedeu a Williams Schuyman? O autor fala nos d'ele apenas o indispensavel para nos inspirar algum interesse, e fa lo desaparecer entre as ondas d'um palavreado sem fim. Quem é esse sr. Williams Schuyman? Em que parte de South Park habita? Porque saiu de casa ás 6 horas da tarde? E, se o fez, pode assegurar-se que foi ele a vitima do desastroso accidente?

(Continúa).



# VENCIDOS!

(Fim do 2.º episódio da 7.ª parte do PÉ FATAL)



1. Manecas convida o Quim para ir ver as boas obras que devemos á Companhia do Olho do Gaz Vivo.



2. —Vês, mano, aquele monstro negro em Belem? Era antes de existir a Companhia, um castelo branco.



3. E mais dia menos dia nem o monstro negro existirá, porque o gazometro está arriscado a re-  
re-ntar e a re-ntar-nos a todos!



4. Agora, mano Quim, vem mais uma vez ao Alto de Santa Catarina, que te quero mostrar



5. outro gazometro mesmo no meio da cidade, a enegrecê-la e a envenena-la. Tudo manobras do chefe do Pé Fatal.



6. que é inútil eu perseguir por mais tempo, visto que todos os meus esforços vão de encontro a uma maldita porta que te vou mostrar e por traz da qual estão varios Long-Sins e Wu-Fangs.



7. Logo, mano d'um anjo, detxemos Lisboa e partamos de novo para França. E' menos perigoso estar em Verdun do que n'uma terra d'estas!